

VARIAÇÃO E MUDANÇA NA DESCRIÇÃO CONSTRUCIONAL: COMPLEXOS VERBO-NOMINAIS

Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ)¹

RESUMO

Este artigo discute o espaço da variação no âmbito da descrição construcional da língua portuguesa, a partir do exame de complexos verbo-nominais. Para tanto, reúne evidências quanto ao caráter central ou periférico que esse fenômeno pode alcançar a depender, dentre outros fatores, de contextualidade, bem como de seu vínculo com o fenômeno da mudança. Também argumenta que falta ao modelo construcional abrigar a possibilidade de se lidar com a análise do fenômeno de variação na descrição da língua no que se refere à competição e à convivência de variantes.

PALAVRAS-CHAVE: Variação; Enfoque construcional; Construções com verbo-suporte.

ABSTRACT

This article discusses the place of variation within the constructional description of Portuguese language, based on the analysis of a sample of verb-nominal complexes. Therefore, it gathers evidence for the central or peripheral character that this phenomenon can achieve depending, among other factors, of contextuality, as well as its link with the phenomenon of change. It argues that the constructional model lacks the possibility of dealing with the analysis of the variation phenomenon in the language either within the description of competition variants or coexistence variants.

KEYWORDS: Variation; Constructional view; Constructions with support verb.

The analysis of linguistic variation has only recently been put on the research agenda of Construction Grammarians, who are thus relative

1 Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro; marciamv@ufrj.br.

late-comers to a phenomenon that has already been studied intensely for several decades within the tradition of quantitative sociolinguistics (Tagliamonte, 2006; Trousdale, 2010).²

(HILPERT, 2014: 185)

The more recent field of language variation and change is more likely to incorporate usage-based methods and ideas because it is more attuned to the study of language in context and the inherent variability of language.³

(Joan Bybee, TORRENT, 2012: 2)

INTRODUÇÃO

Com base numa seleção de aspectos de pesquisas sobre construtos de predicadores complexos, argumenta-se que um modelo orientado para o uso e para o pareamento forma-significado/função convencionalizado em comunidade linguística deve abrigar a possibilidade de se lidar também com o fenômeno de variação na descrição da língua, tanto no que se refere à competição quanto à convivência de variantes (construtos ligados a um ou mais padrões construcionais). Afinal, uma variação linguística detectada sincronicamente pode não resultar, diacronicamente, em mudança. E, nesse sentido, a proposta para discussão e a argumentação delineadas neste artigo alinham-se à sugestão de Graeme Trousdale (no resumo da palestra intitulada *Linguistic variation and construction grammar: evidentials in Canadian English*): “I suggest that the architecture of construction grammar is able to account both for variation both at the level of the individual speaker and at more abstract group, network or community levels⁴.”

O interesse pelo tema “variação e abordagem construcional”, além de condizer com um dos encaminhamentos de investigação já postos em prática em estudos sociofuncionalistas desenvolvidos no âmbito do Projeto PREDICAR – Formação e expressão de predicados complexos (entre outros, ESTEVES, 2008; ASSIS, 2009; ALVES, 2011), deve-se, em linhas gerais, a indagações relativas ao lugar do fenômeno de variação ou alternância na pesquisa da experiência linguística sob o aporte da Gramática das Construções e da Linguística Funcional-Cognitiva ou Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que também alguns outros estudiosos têm manifestado (entre os quais, BERGS & DIEWALD, 2008; HOFFMAN & TROUSDALE, 2011; HILPERT, 2014), e à percepção de que, geralmente, as iniciativas de resposta à questão ainda resvalam numa atitude de resistência ou rejeição (implícita) à variação gramatical.

2 “A análise da variação linguística apenas recentemente foi posta na agenda de pesquisa dos Gramáticos Construcionistas, que são, assim, retardatários em relação a um fenômeno que já tem sido intensamente estudado por décadas no âmbito da tradição de estudos sociolinguísticos quantitativos (Tagliamonte, 2006; Trousdale, 2010).”

3 “O campo mais recente de variação e mudança linguísticas é mais suscetível à incorporação de métodos e ideias da linguística centrada no uso porque está mais sintonizado com o estudo da língua em contexto e da variabilidade inerente à língua”.

4 Sugiro que a arquitetura da gramática das construções está apta a dar conta de variação tanto no nível do falante individual quanto nos níveis mais abstratos do grupo, de rede ou comunidade.

Nesse caso, os que explicitam tal inclinação normalmente se mobilizam no sentido de visualizar papéis distintos ou contextos de uso privativos para qualquer “variante”/uso que se lhe mostre e, assim, restaurar a relação (isomórfica) entre forma e função, numa reação de rechaçar, de partida, a possibilidade de variação linguística. E, no caso das variantes referidas nessa observação, tem-se em mente uma definição de alternância similar a esta:

(...) the Dative Alternation represents a possibility for speakers to say something in two different ways. Both member constructions of the Dative Alternation can be used to express the idea of a transfer. This does not mean that the two constructions are seen as semantically equivalent. There is merely an area of semantic overlap, that is, a certain range of ideas that can be expressed through both the Ditransitive construction and the Prepositional Dative construction. Given that **alternative ways of saying things are usually not random but governed by linguistic and social determinants**, it makes sense to investigate the conditions under which speakers choose either one or the other of two constructions.⁵ (HILPERT, 2014: 187; grifos da autora)

Percepção que, em certa medida, se aproxima à percepção de rejeição referida anteriormente também foi objeto de nota na comunicação plenária de Shana Poplack (Diretora do Laboratório de Sociolinguística www.sociolinguistics.uottawa.ca) na edição do NWAV de 2015, co-organizada pela Universidade de Toronto e pela Universidade York:

Because the doctrine of form-function symmetry is so firmly entrenched in linguistic thought, contemporary sociolinguistic analyses of variability beyond the phonological are often dismissed. (...) Analysis shows that although variant forms have been recognized since the earliest times, only rarely have they been acknowledged as variant expressions of the same meaning or grammatical function. Instead, three major strategies are marshaled to factor variability out, when it isn't ignored altogether: assigning each variant a specific linguistic context, matching each variant with a dedicated meaning, and when all else fails, associating each variant with a different type of speaker or register. Remarkably, however, results reveal little consensus, whether over time or across authors, over which elements to associate with which variant. This suggests that the aim of these strategies is not so much to describe or prescribe, but to imbue each form with a privative context of occurrence, whatever it may be, so long as it is distinct from that of its counterpart(s). Attributing distinct roles to each variant restores the desired isomorphic relation between function and form, while implicitly rejecting the possibility of bona fide grammatical variation. In contrast, systematic confrontation with the data of spontaneous speech fails to

5 () A Alternância Dativa representa a possibilidade de os falantes dizerem algo de duas maneiras. Ambos membros construcionais da Alternância Dativa podem ser usados para expressar a ideia de transferência. Isso não significa que as duas construções sejam vistas como semanticamente equivalentes. Há meramente uma área de sobreposição semântica, ou seja, um certo espaço de ideias que pode ser expresso mediante a construção Ditransitiva e a construção Dativa Preposicional. Uma vez que meios alternativos de dizer as coisas não são geralmente aleatórios, mas governados por determinantes linguísticos e sociais, faz sentido investigar as condições sob as quais os falantes escolhem uma ou outra das duas construções.

validate virtually all these treatments, revealing robust variability subject to regular conditioning instead.⁶ (...) (linguistics.utoronto.ca/nwav44/invited.html; POPLACK, 2015)

Dados da experiência (uso e/ou percepção de usos) atestam que nem sempre há diferença funcional entre certas instanciações de microconstruções, fato que não condiz com outros dados da experiência em que sobressai essa diferença funcional e que, então, são lembrados (e até sobrepostos àqueles) por aqueles com uma predisposição a explorar dados em sintonia com o já consolidado princípio de não-sinonímia (GOLDBERG, 1995). Quando os dados não atestam mais de uma possibilidade de forma para um funcionamento⁷, podem pôr em jogo, por exemplo, a possibilidade de comparabilidade funcional (já aventada por LAVANDERA, 1984, em razão do debate com William Labov a respeito de tal questão nos anos 70 do séc. XX) ou de equivalência funcional⁸ de estruturas/formas, fenômeno geralmente perspectivado em *continuum*/escala na tradição de estudos funcionalistas. E, se os dados não o fazem, aqueles tendem a dizer que não se está conseguindo detectar algum aspecto/alguma propriedade (de forma ou significado/função) da expressão linguística em observação. Bem, é fato que a descrição científica advém sempre do que se consegue alcançar segundo uma heurística de proposições teórico-explicativas e metodologias.

Uma teoria que pretenda dar conta de todos os aspectos que podem ser observados em seu objeto não é uma teoria do objeto, mas uma reprodução. (BORGES NETO, 2004)

A interpretação de signos escritos e falados por meio de definições ostensivas não é uma *aplicação* da linguagem, mas parte da gramática. A interpretação permanece no nível da generalidade preparatória a qualquer aplicação. (WITTGENSTEIN, 1974: 63)

6 Pelo fato de a doutrina de simetria forma-função estar tão firmemente enrincheirada no pensamento linguístico, análises sociolinguísticas contemporâneas de variabilidade além do nível fonológico são geralmente deixadas de lado. (...) Análises mostram que embora formas variantes tenham sido reconhecidas desde tempos mais antigos, apenas raramente foram compreendidas como expressões variantes do mesmo significado ou função gramatical. Em vez disso, recorre-se a três estratégias principais para desconsiderar a variabilidade, quando esta não é totalmente ignorada: atribuir cada variante a um contexto linguístico específico, combinar cada variante com um significado “consagrado/privativo” e, quando tudo mais falha, associar cada variante com um tipo de falante ou registro. Notavelmente, entretanto, resultados revelam pouco consenso, tanto ao longo do tempo quanto entre autores, sobre que elementos associar com cada variante. Isso sugere que o objetivo de tais estratégias não é tanto descrever ou prescrever, mas imbuir cada forma de um contexto de ocorrência privativo, qualquer que seja, contanto que seja diferente daquele(s) de sua(s) contraparte(s). Atribuir papéis distintos para cada variante restaura a desejável relação isomórfica entre função e forma, enquanto rejeita implicitamente a possibilidade de real variação gramatical. Em contraste, o confronto sistemático com dados de fala espontâneos falham em validar virtualmente todos esses tratamentos, revelando, em vez disso, variabilidade robusta sujeita a condicionamento regular.

7 Por exemplo: **participios duplos** em estruturas de tempo composto (tem **aceito/aceitado**), **nós** e **a agente** (embora sejam formas pronominais que tendem a revelar diferenças funcionais, também se instanciam tanto em contexto de referente definido/específico quanto em contexto de referente indeterminado, cf. MACHADO VIEIRA, 1995; RUBIO, 2015; *nós/a gente*, preenchido ou não, *vai/vamos*), **que/onde** como relativos universais e estruturas relativas padrão e cortadora (SILVA, 2005), ter **que/de** Vinfinitivo auxiliado (BARRROS, 2012), **há/tem/faz** muito tempo (que) (MACHADO VIEIRA, 2008). Nessas pesquisas, os autores também se orientam pela busca de relações entre as diferenças estruturais e condicionamentos/diferenças funcionais; só que, nesse processo, também lidam com situações em que não se detectam diferenças de funcionamento, mas variação/alternância. Ao tratar dos padrões construcionais **ditransitive** e **to-dative** da construção de transferência no inglês, embora explore a diferença de funcionalidade (a segunda implica uma distância maior entre ator e receptor e está mais associada a atividades envolvendo movimento), Diessel (2015) admite a relação de similaridade em certos contextos do inglês britânico no que diz respeito à relação, por exemplo, a usos do verbo *donate* com os dois padrões. Segundo Perek (2015: 146), “the two are often interchangeable, and the choice of one variant in a given situation has been shown to depend on various properties of the alternating arguments themselves, such as their discourse accessibility (given vs. new), the animacy of their referents and their relative lengths, rather than on semantic properties of the event itself”.

8 Funcional é entendido como semântico, discursivo, pragmático e/ou cognitivo. A comparabilidade pode pautar-se em qualquer uma dessas facetas do polo *funcionamento*. A “equivalência semântica” é só uma das possibilidades, prevista, inclusive, em: “The Principle of No Synonymy: If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically distinct (cf. Bolinger 1968; (...)). Pragmatic aspects of constructions involve particulars of information structure, including topic and focus, and additionally stylistic aspects of the construction such as register (...). *Corollary A*: If two constructions are syntactically distinct and **S(emantically)-synonymous**, then they must not be P(ragmatically)-synonymous. *Corollary B*: If two constructions are syntactically distinct and P-synonymous, then they must not be S-synonymous.” (GOLDBERG, 1995: 67; grifo nosso).

E, por natureza, a descrição científica é parcial!⁹ Assim, pode ocorrer de não se detectarem todos os aspectos envolvidos. Pode ocorrer, ainda, de não se dar expressão, em termos de descrição, a alguns fatos da experiência, até por conta do objeto observacional (a região que a teoria privilegia como foco de atenção e o conjunto de fenômenos a serem examinados) e/ou do objeto teórico (a maneira de ver aquele, que se constrói a partir dos fenômenos observáveis, do objetivo de pesquisa e do nível de adequação observacional, descritiva e teórico-explicativa). Afinal, “Toda teoria delimita uma certa região da realidade como seu objeto de estudos” (cf. BORGES NETO, 2004).

Com tais considerações, não se pretende perder de vista, de modo algum, o princípio de não-sinonímia nem a concepção de que a língua propicia sistematicamente recursos para diferentes tipos de leitura/enquadre de uma cena, até porque, tendo em vista um dos problemas da mudança (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968) relativo a restrições/condicionamentos, os estudos se pautam em questões basilares como “sob que condições (contextos e cotextos) se dão os usos linguísticos?” e “o que há de sistemático/regular na relação entre variantes e condições?”, mesmo no âmbito de estudos sociofuncionalistas que não se alinham à abordagem construcional. O intuito de retratar a variabilidade de uso condicionada (“multifatorialmente”) e sua relação com a estrutura gramatical da língua sempre esteve na agenda programática. Apenas se tenciona chamar a atenção para a atitude que, de partida, se pode assumir frente a situações de variação ou alternância (ainda que estas “raramente ocorram”), às quais geralmente não se confere “expressividade” na descrição linguística (a concepção de sistematicidade em “expressões idiomáticas” também escapava à descrição gramatical de muitos). Tal atitude também se revela nesta passagem:

It is important to note that **the two constructions** used in the Wonnacott et al. (2008) experiments **were interchangeable**, in that **there was no discernible difference in their meanings or discourse functions**. *This situation rarely occurs in natural languages; whenever there exist verbs that alternate between the constructions, there is almost always a functional difference* between the constructions. If the constructions do not differ in terms of truth conditions, then they involve a distinction in terms of construal, information structure, pragmatics, register, or dialect (...).¹⁰ (PEREK & GOLDBERG, *to appear*: 4; grifos da autora)

Enfim, o que ainda parece primar (e preocupar) é a inclinação para visualizar somente a diferença ou a mudança, e a um nível capaz até mesmo de obliterar qualquer indício de variação gramatical que dados da experiência sugiram. E até se entende que essa inclinação ocorra quando se alinha à orientação teórica de relação pareada e convencional forma-significado/função normalmente referida. Só que face a alguns dados e num exercício de “sair da ilha para ver a ilha”, aflora também esta inquietação: até que ponto esse constructo teórico dá conta da realidade linguística, pelo menos com o

9 Há inúmeros exemplos de nossas representações parciais das construções gramaticais de uma língua (cf., por exemplo, DIESSEL, 2015), até em razão do relativamente recente lapso de tempo em que a perspectiva de observação, descrição e explicação da LFCU e da Gramática das Construções vêm ganhando adeptos.

10 É importante notar que as duas construções usadas em experimentos de Wonnacott et al. (2008) são intercambiáveis, no sentido de que não há diferença discernível nos seus significados ou funções discursivas. Essa situação raramente ocorre em línguas naturais; sempre que há verbos que alternam entre as construções, há quase sempre uma diferença funcional entre as construções. Se as construções não diferem em termos de condições de verdade, então elas envolvem uma distinção em termos de *construal*, estrutura informacional, pragmática, registro, ou dialeto (...).

entendimento com que tem sido, geralmente, forjado¹¹? Será que ainda não nos impôs um senão porque a experiência de observação decorre de se estar atento apenas a uma região da realidade linguística, ao que é regular/(quase)categorico na rede de construções, à diferença ou competição de expressões linguísticas e/ou de padrões construcionais, à mudança construcional, à construcionalização?

Em vista do quadro aqui referido, objetiva-se, a partir de uma breve análise de construtos de predicadores complexos, propiciar subsídios para o exame, dentre outras, de dois conjuntos de questões:

(1) A variação, de fato, tem lugar na arquitetura da Gramática das Construções? Em caso afirmativo, que lugar é esse e como se concebe o fenômeno em termos de constructo teórico-metodológico (proposições descritivo-explicativas e tratamento da experiência)? Cogita-se de um “diálogo na diferença” com vertente(s) da Teoria da Variação e Mudança (desencadeadas principalmente a partir de WEINREICH, LABOV & HERZOG, (1968), entre as quais a Sociolinguística¹²), ou uma heurística própria?

(2) Quais são as implicações teórico-explicativas ao se admitir o fenômeno da variação como objeto observacional e objeto teórico na abordagem construcional¹³? O que caracteriza o conjunto de fenômenos observáveis digno de redundar em problemas de pesquisa? Quais são as consequências para certos construtos teóricos: *links*/ligações e pareamento convencional forma-significado/função, em termos de concepção e operacionalização da representação das relações entre construtos/instâncias contextualizadas de uso, microconstruções e (sub)esquemas construcionais em rede?

Tenciona-se, por meio deste artigo, dar, ainda, uma ideia geral de como se vem trabalhado com o tema dos predicadores complexos com verbo suporte e que inquietações têm surgido nessa trajetória de investigação, que não se restringe à observação dos fenômenos de regularidade/estabilidade e mudança. Tem-se procurado estar atento também ao fenômeno da variação, sempre que se revele na experiência. Tendo em vista os limites e os objetivos deste artigo, utilizam-se, como fontes, dados oriundos de pesquisas desenvolvidas ou em andamento no Projeto PREDICAR, que se baseiam em metodologias de análise de usos e/ou em metodologia experimental relacionada ao exame do problema da avaliação subjetiva (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968) de usos observados em textos orais ou escritos.

11 Faz-se essa alusão por causa de certos pontos de vista que não se alinham exatamente a uma ótica de gradualidade ou centro-periferia/irradiação e fluidez/instabilidade das ligações imposta pela própria linguagem, tais como: conceituação de construção baseada na concepção saussureana de signo – relação simétrica entre significante e significado; relação entre forma e significado pautada em biunivocidade, por conta de um entendimento do princípio de iconicidade (versão forte/radical). Pressupõe-se que:“(…) peripheral status may be what links both the end stage of an existing construction and the incipient stage of a new construction.”“(…) becoming ‘peripheral’ may be associated with two distinct types of change: the marginalization of an established construction, and the creation of an atypical member of a set.” (...) (NORDE & TROUSDALE, 2016: 2)

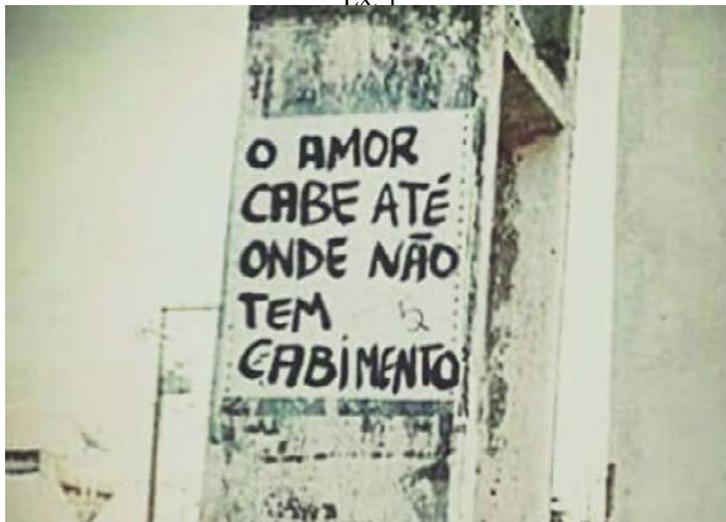
12 Nesse caso, configurar-se-ia mais “uma articulação na diferença” (com consequências para o referencial de interface resultante), uma vez que o Funcionalismo já procura alinhar-se à Linguística Cognitiva e à Gramática das Construções e, nesse processo, encontram-se inclinações teórico-explicativas mais cognitivistas ou mais discursivo-pragmáticas. Não é à toa que teóricos com filiação a estas correntes volta e meia destacam os aspectos que dão unicidade ao “mosaico” de encaminhamentos desta articulação.

13 “Mais de uma área pode delimitar uma dada região para investigação, mas o que cada uma irá “ver” dependerá de sua teoria.” (BORGES NETO, 2004).

2. ASPECTOS SOBRE COMPLEXOS VERBO-NOMINAIS: EM PROL DE UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

No estudo de predicadores complexos, registram-se diversos construtos que revelam diferenças funcionais na predicação, na conceptualização das cenas. Por exemplo:

Ex. 1



No cartaz, *tem cabimento* e *cabe* fazem acessar propriedades de significado diferentes, a partir do contexto em que tais formas estão inseridas.

Ter cabimento é um predicador complexo que envolve um elemento não-verbal cognato ao predicador *caber*. Segundo testes de percepção com usuários da língua portuguesa (cf. TRAVASSOS, 2016), instâncias de uso dessas formas de predicação têm a possibilidade (até frequente) de alternar¹⁴ em certos enunciados nos quais, comparativamente, não sobressaem (significativas) diferenças funcionais, conforme a alternância que se encontra configurada em dados do uso como: “Os embargos de declaração cabem contra qualquer decisão.” ou “Os embargos de declaração tem cabimento contra qualquer decisão”¹⁵; ou ainda em

Ex. 2: “(...) (ehhhhh, sim; D eu estou indo para uma nova emissora, mais pra frente conto detalhes para vocês), eu tinha que **dar uma emagrecidinha** para não parecer tão inchada, então vim para o Spa Sete Voltas dar uma relaxada, começar a pensar nas receitas para o meu livro – aaahhh sim, essa é outra novidade; D meu livro sai no final desse ano com mais de 150 receitas para vocês aproveitarem ao máximo e muitas, muitas dicas e truques de confeitaria – e tentar **emagrecer um pouco**, claro (...)” [PB, www.daniellenoce.com.br/tag/spa-sete-voltas/, 03 de fev 2015]

14 À semelhança de construtos de outros predicadores complexos: *ter importância, importar; fazer xerox, xerocar; fazer menção, mencionar; dar beijo, beijar; dar uma caminhada, caminhar; levar em consideração, considerar*. VALENTE (2016), em estudo sobre a linguagem do futebol, destaca usos de *driblar, fintar, dar finta* [(n)o adversário] em que há grande proximidade de sentido, atendendo as três formas ao processo comunicativo de forma semelhante (“ato de ludibriar o adversário e manter a posse de bola”); destaca que *fintar* faz acessar, ainda, a nuance de “brincadeira” do drible no cálculo semântico.

15 Fontes dos dados: (i) aula 23 de processo civil, Prof. F. D., pt.slideshare.net (29/06/2009) e (ii) processo 5002373-30.2012.404.7119 (D.E., 01/06/2016).

Assis (2009), partindo da tese de que “a opção pelo uso de uma ou outra forma poderá acarretar diferentes efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos” também acabou por encontrar, mediante estudo de usos e percepções, contextos em que falantes do Português consideram viável a alternância de alguns predicadores simples e complexos, alinhando tais formas como quase sinônimas e até “sinônimas” (no que diz respeito ao cálculo semântico) e, assim, neutralizando nuances que possam envolver (a depender de propriedades de contexto).

It is also well-established that the meanings of words play a role in constraining their distributions and *vice versa*, insofar as **semantically related words tend to occur in similar distributional contexts**.¹⁶ (PEREK & GOLDBERG, *to appear*: 3; grifos da autora)

Ocorre que instâncias de uso de *ter cabimento* frequentemente são vinculadas à polaridade negativa (como acima, ou em “*Tem cabimento não!*”, afim a “*Tem jeito não!*”) e, assim, são associadas à intensificação de algo inviável/infundado. E instâncias de *cabem* frequentemente são relacionadas a estruturas com referente-sujeito posposto (*Contra despacho, decisão interlocutória, sentença e acórdão, cabem/têm cabimento embargos de declaração* ou “*Vem o concurso e pergunta o seguinte: “Cabem embargos infringentes contra acórdão de embargo de declaração?”*”¹⁷) e a um cálculo semântico de predicação de estado que envolve certa neutralidade na conceptualização do estado de coisas. Além disso, estas instâncias, ainda, estão ligadas a contextos discursivos em que ocorrem predicções “apresentativas” do referente-sujeito, já que este referente é alocado pelo enunciador como a entidade sobre a qual passa a recair atenção no discurso. Outros exemplos de ajuste do que é saliente numa proposição são ainda:

Ex. 3: “**Freadinha**’

O governo do Estado vai “**frear**” os investimentos este ano. A secretária de Finanças Aracilba Rocha disse que em 2009 o governo do Estado investiu R\$73 milhões de recursos do Tesouro; em 2010, R\$83 mi; em 2011, R\$ 89,3 mi; e este ano já foram investidos 144 milhões.

Freadinha II

Moral da história: “O que é que nós vamos fazer? Ora, nós investimos até aqui 61% do que foi investido nos anos anteriores. Vamos **dar uma freadinha** para a gente poder terminar o ano bem”, disse a secretária Aracilba. ” [PB, Jornal da Paraíba, 04/11/2012, http://jornaldaparaiba.com.br/blog/emfoco/post/18542_quem-vier-atras-que-feche-a-porteira]

Ex. 4: Para **dar uma “printada”** (não confunda) é preciso apertar command+shift+3. Para **dar um print melhor**, aperte command+shift+4, e selecione a área do print. No Windows o comando é feito por meio de Fn+Shift+F11. [PB escrito, Blog, “Teclado sem-fio apple (US) Review, 19/04/2012, <http://www.mangablog.blogspot.com.br/2012/04/dicas-teclado-sem-fio-apple-us.html>]

¹⁶ Está também bem estabelecido que os significados das palavras desempenham um papel no condicionamento das possibilidades de distribuição destas e *vice versa*, na medida em que palavras semanticamente relacionadas tendem a ocorrer em contextos distribucionais similares.

¹⁷ Mesma fonte: aula 23 de processo civil, Prof. F. D., pt.slideshare.net (29/06/2009). No exemplo, vale destacar, ainda, uma estrutura anterior também com posposição do referente-sujeito (“Vem o concurso”).

No terceiro exemplo, a construção com predicador complexo (*dar uma freadinha*) constrói subjetivamente a relação, envolvendo-se o conceptualizador (o locutor) com o evento por ele apresentado. A própria configuração dos subtítulos do texto (entre aspas primeiro; sem aspas depois) revela a relação entre a percepção/o cálculo de aspectualidade no alinhamento que se estabelece entre o evento descrito/apresentado e o evento em si: para o autor do texto jornalístico, não é algo menos intenso; já para o locutor, no discurso reportado nesse texto, é algo de pouca intensidade. Há, então, um tipo de ajustamento focal que diz respeito à posição a partir da qual determinada situação é observada.

Empregos de *dar uma freadinha* e *dar uma printada* (entre os quais, os citados) permitem ilustrar, ainda, que os padrões construcionais¹⁸ *verbo suporte DAR + X-ada* e *verbo suporte DAR + X-adinha* já se convencionalizaram no Português Brasileiro como pareamentos que envolvem, no polo de funcionalidade, a marcação/explicitação de aspectualidade¹⁹. Nota-se um comportamento procedural (recorrente e diferente do que há em outros tipos de construções com verbo suporte) em prol da expressão de “momentaneidade/pontualidade”, “duratividade breve” ou “superficialidade”, que, se acredita, já está convencionalizado na comunidade linguística brasileira (cf. TRAVASSOS, 2016). Segundo Travaglia (1994: 47),

Duração é a primeira noção semântica aspectual. Em oposição à duração temos a não-duração ou **pontualidade** que é o caso da situação cujo início e término ocorrem no mesmo instante ou separados por um lapso de TEMPO curto, de tal forma que a situação é concebida como pontual.”

“Alguém pode argumentar que a situação pontual não existe, pois qualquer situação tem uma duração por menor que seja. Realmente isso é verdade, mas o que importa não é a medida do tempo em termos absolutos, e sim, como já dissemos, o sentimento linguístico do falante que concebe a situação como pontual. (nota 30, p. 47)

Exemplos nesse sentido também aparecem em textos como os abaixo:

Ex. 5: “Qual a Faculdade que possui um centro de esportes como o que nós possuímos? E sabemos aproveitar bem esse privilégio? São poucos os que sabem, principalmente nós, moças. E como é delicioso **dar uma escapadinha** para a Atlético na hora do almoço: jogar vôlei, nadar, praticar um pouco de atletismo. O bem estar que sentimos depois disso a nada se compara.” [PB escrito, jornal o bisturi (jornal da Faculdade de Medicina de São Paulo), p.10, 15/03/1930]

Ex. 6: “Mesmo assim, entre uma loja e outra, pode-se **dar uma olhadela** nos livros da Livraria Sodiler (térreo) ou apenas parar para descansar num dos banquinhos espalhados pelo shopping.” [PB, Jornal online, www.oglobo.globo.com]

Fonte dos exemplos 5 e 6: TRAVASSOS (2016: 28)

¹⁸ Com base em Traugott & Trousdale (2013), entende-se que a leitura construcional de expressões envolvendo verbo suporte é função da relação gradiente entre os parâmetros de composicionalidade (nível de opacidade/transparência dos componentes), esquematicidade (nível de generalização/especificidade semântica) e produtividade (nível de entrenchamento e rotinização/automatização, frequência do tipo construcional).

¹⁹ Predicadores verbais colaboram no “emparelhamento entre predicação e evento/situação/acionalidade”, “estabelecimento de relações temporais e aspectuais” entre participantes (quando predicados) ou de relações entre o conceptualizador, o objeto conceptualizado e o interlocutor.

Ocorrências como as citadas ilustram que a uma função semântica (valor aspectual de momentaneidade/brevidade) se emparelham diferentes formas (*dar + X-ada*; *dar + X-adinha/-adinhazinha*; *dar + X-adela*).

Por outro lado, em certos construtos de *dar + X-ada* ou (a) não sobressai propriamente valor aspectual, eles são instâncias de formas de predicação verbal até rotineiras (como a do ex. 7; e, ainda, *dar uma caminhada*, *dar uma corrida*, *dar uma velejada*, entre outras); ou (b) eles vêm sendo mais sistematicamente associados a um valor de atitude face ao interlocutor e/ou a circunstâncias do evento de interação (propriedade com saliência focal nesses casos). E também há instâncias de uso de *dar + X-adinha*, configurando-se, por exemplo, como estratégia de atenuação do envolvimento do locutor/interlocutor num evento (ex. 8).

Ex.7: “eh: isso acontece muito nesse juizado especial que é... é:: as causas que são até vinte salários mínimos você não precisa de advogado... então às vezes as pessoas entram sozinhas escrevem à mão porque o negócio é muito informal mesmo... você pode escrever à mão e **dar entrada**... e os advogados não falam isso pras pessoas que até vinte salários mínimos você pode entrar... porque eles perdem honorário” [PB, Projeto Concordância, COP-A-3-H, www.concordancia.letras.ufrj.br]

Ex. 8: “A mãe retornou e relatou que havia saído, mas que foi rápido e que havia pedido para sua vizinha **dar uma olhada** nas crianças.” [PB, Jornal online, www.oglobo.globo.com]²⁰

Ex. 9: “Sabe quando você quer dar um mergulho no mar e não tem onde deixar seu celular e a chave de casa? Pois bem, a nova campanha Clube Bike, do Clube Sou+Rio, do Globo, está **dando uma mãozinha** aos cariocas. Até o dia 28 deste mês, um guarda-volumes com 20 compartimentos, acoplado a uma bicicleta, estará à disposição dos banhistas durante os fins de semana na orla de Ipanema. [PB, Jornal online, www.oglobo.globo.com]

Fonte dos exemplos 7-9: TRAVASSOS (2016: 28 e 29)

Ocorrências como as citadas servem para ilustrar que a uma “velha” forma (em cujo uso frequentemente sobressai o valor aspectual de momentaneidade/brevidade e, em decorrência, superficialidade; ou seja, aspecto não-durativo) se emparelham, de modo mais saliente, outras propriedades de significado, entre as quais uma função modal (marcação da atitude/perspectiva do emissor em relação a elementos do domínio da predicação/cena predicada e da interação em que se configura a proposição). Esse realinhamento em prol de uma maior intensidade da modalidade (sobre o valor de aspectualidade) nesse tipo de construção, nos dados de uso e de percepção, revela-se mais expressivamente em fontes mais recentes (com base na pesquisa de TRAVASSOS (2016) em textos jornalísticos de 1925 a 2015). Esse tipo de construção tem sido sistematicamente reconhecido ou percebido como recurso a serviço de marcar uma atitude ou um ponto de vista do enunciador ou da entidade por este referida em relação ao estado de coisas descrito (cf. ex. 2, “*dar uma freadinha*”). Estaria em jogo um processo de mudança construcional?

20 A mãe solicita à vizinha que, na verdade, “cuide” das crianças, só que o faz com polidez (modalidade) e, de certo modo atenuando, para o interlocutor, o papel social de “cuidadora” que solicita/confere à vizinha, uma vez que tal papel é tido culturalmente como uma incumbência dos pais.

3. ASPECTOS RELATIVOS À ADMISSÃO DO FENÔMENO DA VARIAÇÃO (ESTÁVEL OU ASSOCIADA AO PROCESSO DE MUDANÇA) NA ARQUITETURA DA GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES

O primeiro aspecto a problematizar diz respeito ao entendimento do fenômeno em si, para, então, se enfrentar o problema da viabilidade de generalizações sobre ele na arquitetura da Gramática das Construções. O que significa variação ou alternância? Estes são termos concebidos de modo diferente (de fato)? Quais são os limites de significação do fenômeno de variação/alternância numa abordagem construcional? Mais de uma forma que se compatibiliza com um padrão construcional (*Vsuporte + elemento não-verbal – dar/fazer um telefonema – ou Vsuporte dar + elemento não-verbal com marca sufixal de aspecto não-durativo – dar uma olhada/olhadinha/olhadela*)? Mais de uma forma associada a uma função (*Aprenda a dar drible/fazer drible/driblar (n)o adversário!; Me dá beijo/beija, filha?*)? Mais de uma função que se atualiza mediante uma estrutura: construtos com relativamente a mesma forma ora estreitamente ligados a uma função ora ligados a outra ou até a mais de uma (*dar uma olhadinha*, que se pode ligar mais fortemente à ideia de um evento não-duradouro ou à ideia de um evento a se concretizar com cuidado e, então, com relativa duração, embora até nem haja condições favoráveis para tal)? E, ainda, qual o nível/a intensidade de ligação entre as propriedades nos polos forma e significado/função: (mais ou menos) estreita/próxima?

Uma medida para lidar com esse conjunto de questões pode advir do ajuste na visão de unidade simbólica de modo a que esta contemple a complexidade envolvida no alinhamento entre propriedades dos polos forma-significado/função (num alinhamento multifatorial): possibilidade de elos com diferentes espessuras/intensidades²¹ entre os pontos dessa relação (relação que articula fonologia (prosódia, inclusive), morfologia, sintaxe, léxico a semântica, discurso e pragmática) e/ou “flutuação”/instabilidade²² no cálculo, baseado na experiência, da relação entre forma e significado/função (em outras palavras, a possibilidade de variantes de forma, assim como variantes de significado) nas generalizações convencionalizadas pelos usuários de uma língua. A esse respeito, assim se manifesta Hilpert (2014: 181):

Recall that a construction is defined as a generalisation that speakers make: a certain form corresponds to a certain meaning. Taken together, these two poles form a symbolic unit. What constructional variation

21 E, para tal referência, lembra-se da representação usada por DIESEL (2015: 15-16) relativa à atração entre o verbo *dar* e a construções de transferência bitransitiva. Segundo o autor, “(...) the associations between verbs and constructions are not fully predictable from semantic criteria. In addition to the semantic fit, it is the language user’s experience with an established pattern that influences the associative links between lexemes and constructions. Of course, the semantic fit affects the language users’ linguistic behaviour, which in turn determines their experience, so that two factors are likely to reinforce each other over time.” (p.16)

22 Refere-se aqui à concepção de que: “o que é “linguagem” é algo formado de elementos heterogêneos, e a maneira como se entrelaça com a vida é infinitamente variada” (Wittgenstein, 2003 [1974]: 47) e “considera-se o ato de comunicação como um “jogo”, pois ele se mantém em uma constante manobra de equilíbrio e de ajustamento entre as normas (restrições) de um dado discurso e a margem de manobras permitida pelo mesmo discurso aos enunciadores” (PAULIUKONIS, 2016). Não é à toa que uma pergunta, feita por e-mail, como “Você pode *dar uma olhadinha* nos materiais em anexo?” (a) pode ter uma leitura que se aproxima, em linhas gerais, a um pedido de exame cuidadoso do material a um orientador (solicitar, com cuidado com o interlocutor e perspectivando uma expectativa de condições desfavoráveis ao pedido, algo mais que uma “passada de olhos”) ou (b) pode ter uma leitura similar a um pedido de aval que não requer um envolvimento maior (e, antes, uma observação mais superficial e rápida) a uma colega de trabalho, que se imagina (pragmaticamente) muito detalhista/vagaroso num tempo na academia em que a pressa impera e o ócio produtivo quase não tem lugar. A pergunta formulada e um dos interagentes formalmente se mantém, mas mudam condições de configuração funcional do evento comunicativo. Esse realinhamento forma-sentido (entre o que está em foco na sentença/item/expressão linguística e o que é saliente na proposição, no ato de fala) dinâmico é inerente aos eventos de linguagem. E os cientistas buscam generalizações que revelem padrões construcionais, deem margem a usos com algum grau de similaridade, repetição, espriamento numa comunidade (convencionalização).

shows is that generalisations of this kind are not quite as simplistic as one-to-one mapping of a single, invariant form to a single, invariant meaning. Rather, both the formal pole and the meaning pole of a construction should be seen as containing information on several variants – formal variants of the construction as well as meaning variants. (...) The basic take-home message is that **constructions are many-to-many mappings, connecting a set of related forms to a set of related meanings.**²³

Cogita-se, nessa relação forma-significado/função, a noção de protótipo ou semelhança de família, como sugere tal autor (mediante os exemplos que cita)? Em caso afirmativo, como efetivamente se operacionaliza isso nos níveis de representação de esquematicidade no modelo de rede de construções: como se representa isso na relação entre construtos/instâncias contextualizadas de uso e os padrões construcionais “mais imediatos”/microconstruções?

Responder questões relativas à concepção de variação/alternância implicará, de imediato, avaliar se (a) se aproveitam (sempre com os “ajustes” que se impuserem e forem viáveis) subsídios/construtos²⁴ explorados em outros quadros teóricos que lidam com o fenômeno da variação e estrutura-se um “programa de interface” ou (b) se até se vai a tais quadros teóricos, mas no intuito de se buscar formular uma heurística própria, em que outras possibilidades tenham curso. Nesse sentido, pode-se, na trilha de estudos sociofuncionalistas, considerar conceitos que vão pôr em foco uma ótica em que a variação está atrelada ao fenômeno da mudança, que, por exemplo, tem expressão nas palavras de J. Bybee: “(...) characterizations in such models [usage-based models] treat language as variable on a synchronic level and changeable on the diacronic dimension.” (TORRENT, 2012: 2). Nesse caso, preveem-se, com base em Tavares & Gorski (2015), situações em que à inovação se segue uma fase de disseminação/rotinização da relação forma-significado/função inovadora; em seguida, em razão de alterações decorrentes desse processo de disseminação na distribuição estatística das formas inovadora e já existente/“antiga” e da competição de formas/significados (em consonância com o princípio de expressividade maximizada), uma “substituição” (por generalização ou especialização) da “antiga” pela mais recente.

A questão é que a experiência com acervos de dados do uso tem revelado também casos de variação estável (em tempo aparente ou real), de convivência de variantes (ainda que estas tenham sido inicialmente concebidas com particularidades/diferenças de forma ou funcionamento): com isso, tais variantes (convencionalizadas em comunidades linguísticas) são sistematicamente associadas

23 Lembre-se que uma construção é definida como uma generalização que falantes fazem: uma certa forma corresponde a um certo significado. Considerados juntos, esses dois polos formam uma unidade simbólica. O que variação construcional mostra é que generalizações desse tipo não são tão simplistas como o mapeamento um-para-um de uma forma simples e invariante para um significado simples, invariante. Ao contrário, tanto o polo formal e o polo do significado de uma construção deveriam ser vistos como contendo informação em variantes diversas – variantes formais da construção assim como variantes de significado. (...) A mensagem básica que se obtém é que construções são mapeamentos do tipo *many-to-many*, conectando um conjunto de formas relacionadas a um conjunto de significados relacionados.

24 Tem-se em mente construtos como: comparabilidade ou equivalência semântica, competição de gramáticas (do diálogo da Sociolinguística com a Linguística Formal).

pelos falantes até a contextos de uso²⁵ similares/convergentes, “aparentados de muitas maneiras”²⁶ e/ou que (em alguma medida) “se repetem”, a uma espécie de área de familiaridade, sobreposição/neutralização e vagueza de formas/significados. Mesmo em estudos diacrônicos, pode-se esbarrar com casos de convivência de formas mais ou menos estreitamente ligadas a propriedade(s) de uma mesma função/significação, formas em variação estável. Considerando a premissa de que a língua emerge dos usos, tais usos variantes, ao que parece, só podem ser efetivamente contemplados em generalizações mais abstratas (no modelo de rede de construções interconectadas) se se admitir um lugar efetivo para o fenômeno de variação. Uma consequência do processo de alteração mediante a disseminação da relação forma-sentido inovadora pode ser a maior aproximação por semelhança (em razão de uma neoanálise²⁷ e da automatização do resultado desta) entre a forma “inovadora” e a “antiga” e a estabilização da alternância entre esses recursos (até ao longo do tempo).

De outro modo, talvez só se achem variantes no nível do constructo ou generalizações envolvendo apenas competição de variantes, em que a variação é admitida desde que vinculada ao fenômeno de mudança, que, neste caso, se apresenta como o fenômeno motivador/digno de investigação. Logo, se só se impõe a questão da mudança (mudança construcional ou construcionalização), potencialmente dados do uso mostrarão casos em que interessa essa articulação variação-mudança como objetos teórico e observacional, na linha do que ocorreu nos estudos sociofuncionalistas voltados para a questão da mudança por gramaticalização, numa interação entre sincronia e diacronia. E os casos de convivência de usos (ainda que “raros”) talvez permaneçam sem lugar na descrição linguística (“(...) generalidade preparatória a qualquer aplicação”) no referencial em foco. Nas duas situações, é preciso discutir o lugar da variação no modelo: apenas em construtos ou também em padrões construcionais. Segundo J. Bybee (TORRENT, 2012: 2), “the variation found in experience is represented at the deepest levels of representation and not treated as something that is tacked on the end of the grammar. Because variation is inherent to the grammar, gradual change is to be expected”²⁸.

Talvez seja o caso de, no modelo em rede construcional, considerar o construto teórico “allostructions” a que se referem Bergs & Diewald (2008), quando tratam de “construções em variação linguística e mudança”? Segundo Cappelle (2009), *allostruction* é um termo criado por analogia a *allomorphs* e *allophones*. “Allostructions are (truth-)semantically equivalent but formally distinct manifestations of a more abstractly represented construction.”²⁹ (CAPPELLE, 2009: 15). É possível pensar em uma família de padrões construcionais que abarque *links* entre construções e “allostructions”?

25 Entende-se que *contexto* envolve, entre outros fatores: ações linguísticas, culturais, sociais e cognitivas; situação de enunciação (relação entre sujeitos interagentes, linguagem e mundo), recursos extralinguísticos (olhar, gesto, postura), atos de fala e textos já produzidos, rotinas discursivas, operações cognitivas, memória, consciência e atenção, imaginário coletivo, conhecimentos de mundo (mais ou menos) partilhados, estados de coisas que ultrapassam o evento comunicativo local.

26 “(...) esse parentesco [entre objetos] não precisa ser o compartilhar uma propriedade ou um constituinte comum. Ela pode ligar os objetos como os elos de uma corrente, de modo que um pode estar ligado ao outro *por meio de elos intermediários*. Dois membros vizinhos podem ter características comuns e ser similares, ao passo que membros distantes pertencem à mesma família sem ter mais nada em comum.”

27 “Crucially, all change involves speakers and hearers realigning links in the construction; such realignment is neoanalysis, which we consider to be the primary mechanism of change.” (NORDE & TROUSDALE, 2016: 30)

28 A variação encontrada na experiência é representada nos níveis mais profundos de representação e não é tratada como algo que se junta ao final da gramática. Por ser a variação inerente à gramática, mudança gradual deve ser esperada.

29 *Allostructions* são manifestações semanticamente equivalentes, mas formalmente, distintas de uma construção representada mais abstratamente.

Ao pensar em uma abordagem do fenômeno de variação no âmbito da GC ou LFC, acredita-se que é crucial refletir sobre a perspectiva que se adotará também no que diz respeito ao rumo a tomar: trilhar o caminho da interação entre variação e mudança similar ao adotado em outras práticas científicas (como o Sociofuncionalismo, em que o processo da mudança gramaticalização *deu o tom* no “diálogo/negociação na diferença”, uma vez que a consideração da variação foi sempre no sentido de observar formas em competição, o que pressupõe que, ao final, uma vença) ou construir um caminho em que não só o fenômeno da mudança tenha relevo. Naturalmente, pende-se para este encaminhamento, pois tanto o que for regular/estável e (quase) invariante³⁰ quanto o fenômeno da variação (relativa a mudança em progresso ou a variação estável, porque, até ao longo do tempo, a situação de convivência de variantes perdura) será admitido potencialmente nas mesmas condições. E, com isso, pressupõe-se que a pesquisa sobre o conhecimento linguístico possa gerar generalizações sobre construções e construtos associados ao que há de “regular”/estável no sistema, ao que há de instável/variável (convivência, coexistência de variantes, variação estável; competição, mudança em progresso) e, também, ao que há de diferente ou ao que mudou (num estudo diacrônico em tempo real ou em tempo controlado por estatísticas de frequências de uso via controle de gerações, níveis de escolaridade, até simplesmente de tradições linguísticas/discursivas num dado recorte do tempo). Nesse caso, aos interessados em focalizar mudança construcional ou construcionalização, o que daria o tom na admissão efetiva do estudo da variação seria, de fato, a mudança e, então, formas ou sentidos em competição formariam o objeto observacional. No entanto, se o objetivo é alcançar as generalizações sobre conhecimento gramatical e lexical de uma língua, qualquer um (estabilidade, variação ou mudança) poderá constituir o objeto observacional se realmente se quiser descrever (num modelo multifatorial) todas as regiões desse conhecimento.

E, frente à premissa de que a equivalência funcional total³¹ entre variantes nunca se dá nas línguas naturais (forjado geralmente a partir de uma ótica em que se prioriza a diferença/mudança e/ou em que se extraem alguns dos dados do uso para observação), destaca-se, para encerrar, a necessidade de se refletir a respeito da potencialidade do fenômeno de convivência de variantes nas línguas naturais (que, em certa medida, se alinha ao que se rotula de “variação estável” no enfoque Sociolinguística), com base nestas palavras de Cappelle (2009: 1; grifos da autora):

Grammar often provides speakers with alternative ways of encoding a certain piece of conceptual substance. Yet, speakers are rarely entirely free to make a choice between the alternatives, since each grammatical option is usually subject to a variety of constraints, some of which may very subtly guide speakers to make the choices that they do. In other words, in those cases when speakers seem to be free to choose from among two or more options, this freedom may be more apparent than real. This raises the following central question addressed in this paper: if we itemize all the factors that can play a role in the actual choic-

30 Labov (2003) propôs que os casos de variabilidade deveriam ser pensados como regras gramaticais que estão contingenciadas a uma série de fatores. Referiu-se a três possibilidades de regras linguísticas, em função de estatísticas de frequências de uso: (i) categóricas (operam com frequência de 100%), (ii) semicategóricas (95-99%), (iii) variáveis (5-95%).

31 Segundo DUFTER, FLEISCHER & SEILER (2009): “It remains to be seen whether all purported cases of free variation will eventually turn out to be subject to intricate patterns of determination, or whether we will have to acknowledge the existence of “some entropic reminder” (Cappelle, this volume), that is, of differences that *really* don’t make a difference.”

es speakers make when grammar offers them alternatives, could we eventually eliminate all semblance of freedom? I will maintain that in however great detail we can describe the impact of diverse factors that play a role in a given grammatical alternation, we may never be able to exclude an element of random selection. The various factors that are involved in the variation obviously **limit the degree to which the speaker is actually free to choose between the options available** in a particular case of grammatical variation, **but they may not be able to reduce the amount of freedom to zero.**³²

“A variação linguística cabe até onde não tem cabimento”. Considera-se que uma ótica que se modela a partir do uso não pode prescindir de aparato teórico-metodológico que lhe permita tratar também da variação/alternância. E, assim como Hoffman & Trousdale (2011:7), entende-se que, de modo familiar a práticas científicas em Sociolinguística, a Linguística Funcional(-Cognitiva) que se alinha à Gramática das Construções enfatiza e investiga a relação entre uso e sistema linguístico subjacente à linguagem em uso e que o quadro teórico construcional possa modelar tal fenômeno e propiciar referencial teórico-explicativo para o tratamento da interrelação de fatores (inclusive, estatísticos) que o afetam.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que “a escolha de um *objetivo* relativamente à abordagem de um *objeto* determina, na verdade, uma visão, um modo de *construir* esse objeto” (BORGES NETO, 2004: 32), o problema que ensejou este artigo diz respeito à ótica ou à atitude a partir da qual se debate a respeito da relação entre o fenômeno de variação e a abordagem construcional e, conseqüentemente, com que se pode traçar uma agenda programática para descrever diferentes regiões do conhecimento linguístico e viabilizar um tratamento construcional do fenômeno. A partir de que ponto de vista, se está disposto a conceptualizar a relação entre variação e abordagem construcional? Procurou-se refletir a esse respeito, cogitando-se, em linhas gerais, de possibilidades como: (i) resistência ou rejeição, como ponto de partida, da possibilidade de variação, nem sempre baseada propriamente no exame de dados do uso sobre os quais há desconfiança de similaridade funcional (uma vez que neles não se captem diferenças), mas em dados da experiência (selecionados em textos/lembrados/criados) que estejam em sintonia com o princípio de não-sinonímia e/ou com a concepção de que a gramática oferece recursos para perspectivar nuances de sentido, a serviço de diferentes conceptualizações³³; (ii) consideração (relativa/parcial) de situações de variação por comparabilidade funcional, haja vista que, na práxis científica, raramente não se estabelecem relações (baseadas em correlações estatísticas de tendências/

32 A gramática, em geral, propicia aos falantes meios alternativos de codificar uma certa porção da substância conceptual. Ainda, os falantes raramente são inteiramente livres para fazer a escolha entre as alternativas, já que cada opção gramatical está geralmente sujeita a uma variedade de restrições/condicionamentos, alguns dos quais podem guiar sutilmente os falantes a fazerem as escolhas que fazem. Em outras palavras, naqueles casos em que os falantes parecem ser livres para escolher dentre duas ou mais opções, essa liberdade pode ser mais aparente que real. Isso provoca a seguinte questão central focalizada neste artigo: se listarmos todos os fatores que podem ter alguma influência nas escolhas reais que os falantes fazem quando a gramática lhes oferece alternativas, poderíamos eventualmente eliminar qualquer sinal de liberdade? Defenderei que qualquer que seja o detalhamento com que possamos descrever o impacto que fatores diversos têm numa alternância gramatical, nunca seremos capazes de excluir um elemento de seleção aleatória. Os diversos fatores que estão envolvidos numa variação obviamente limitam o grau de real liberdade do falante para escolher as opções disponíveis num caso particular de variação gramatical, mas não serão capazes de reduzir o nível/espaco de liberdade a zero.

33 Em outras palavras, uma inclinação que parte da incompatibilidade dos referenciais epistemológicos a que se ligam os referentes em debate, focalizando “empecilhos”.

frequências de uso/*token* e de *type*) entre “variantes” e “condições semânticas, discursivas, pragmáticas e/ou cognitivas distintas” (mesmo no mosaico de pesquisas que se intitulam sociofuncionalistas); (iii) consideração efetiva da potencialidade de situações de variação/alternância serem mapeadas num enfoque construcional de gramática, com consequências heurísticas relativas à admissão da competição e, ainda, da convivência de variantes/alternâncias e à representação esquemática das relações entre estas numa rede de construtos, microconstruções e (sub)esquemas. Talvez esse quadro possa ser pintado ainda com mais tons!

E, com base em referências breves a dados (de uso ou percepção) de predicadores complexos de estudos do Projeto PREDICAR, entre os quais usos de construções com verbo suporte **DAR + X-ada/-adinha**, salienta-se, além da polissemia (usos em contextos específicos/diferentes), a possibilidade de similaridade/neutralização funcional, variantes de uso: mecanismos estruturais disponíveis no Português Brasileiro com a funcionalidade de marcar o aspecto momentâneo, passageiro ou superficial de um evento ou de uma situação e, também, de marcar modalidade/(inter)subjetividade, entre outros valores. E, então, questiona-se até que ponto uma descrição que não considere a relação entre usos similares/variantes/alternâncias parte da gramática (moldada pelo uso) dá conta do que efetivamente os falantes usam, percebem ou sabem sobre sua língua. Afinal, uma língua, característica de uma cultura, emerge da coatuação e competição de fatores de ordem social, discursivo-pragmática, semântica e cognitiva sobre as experiências linguísticas e, então, funciona segundo um modelo cognitivo concebido por seus falantes, que perspectivam a realidade de um certo modo e a conceptualizam. E esse modelo pode ser convencionalizado ao nível da norma linguística socialmente aceita. Com relação ao tema da convencionalização, ainda se pode problematizar a questão da variabilidade/alternância de construtos ou padrões construcionais: nos discursos/textos do indivíduo (sobre os quais também operam influências do imaginário coletivo, entre outras) – variação intrafalante –, entre indivíduos de uma mesma comunidade linguística e entre comunidades linguísticas.

A esperança de que podemos atingir o conhecimento total é muito simplista. A ciência precisa falhar para avançar. Queremos certezas. Mas para crescer, precisamos abraçar as incertezas. Estamos cercados por horizontes, pela incompletude. Vemos apenas sombras nas paredes de cavernas. Por outro lado, a existência de limites não deve ser vista como um obstáculo intransponível. Limites são oportunidades, alavancas que nos ensinam algo sobre o mundo e sobre nós mesmos, que nos incentivam a prosseguir na busca de respostas.

(Marcelo Gleiser, 2014: p.326)

REFERÊNCIAS

ALVES, O. M. de M. (2011). *Estudo sociofuncionalista da alternância entre predicadores nominais simples e predicadores complexos*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras.

BARROS, E. C. M. (2012). *Construções modais com ter: gramaticalização e variação*. Tese de

Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.

BERGS, A. & DIEWALD, G. (2008). Introduction: Constructions and Language Change. In: _____ *Constructions and Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter. p. 1-17.

BORGE NETO, J. (2004). *Ensaio de Filosofia da Linguística*. São Paulo: Parábola Editorial.

CAPPELLE, B. (2009). Can we factor out free choice? In: DUFTER, A., FLEISCHER, J. & SEILER, G. *Describing and Modeling Variation in Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter. p. 183-199.

DIK, S. C. (1997). *The theory of Functional Grammar*. Part 1. The Structure of the clause. Ed. K. Hengeveld. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

_____. (1997). *The theory of Functional Grammar*. Part 2. Complex and Derived Constructions.. Ed. K. Hengeveld. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

DIESEL, H. (2005). Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, E. & DIVJA, D. (ed.) *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

DUFTER, A., FLEISCHER, J. & SEILER, G. (2009). Introduction. In: _____ *Describing and Modeling Variation in Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter. p. 1-20.

ESTEVEZ, G. A. T. (2008). Construções com *dar* + sintagma nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.

GLEISER, M. (2014). *A ilha do conhecimento: os limites da ciência e a busca por sentido*. Rio de Janeiro: Record.

GOLDBERG, A. (1995). *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press.

HILPERT, M. (2014). *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press. 233 p.

HOFFMAN, T. & TROUSDALE, G. (2011). Variation, change and constructions in English. *Cognitive Linguistics*, 22-1, 1-23.

HOPPER, P. (1991). On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C. & HEINE, B. (org.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. I, Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins. p.16-35.

GONZALEZ-MARQUEZ, M. et al. (2006). *Methods in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins.

LABOV, W. (1972). *Sociolinguistics Patterns*. Oxford: Blackwell, 1972. p. 122-159, 183-259.

_____. (1994). *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell. 664 p.

_____. (2003) *Some sociolinguistic principles*. In: PAULSTON, C. B. & TUCKER, G. R. (org.) *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell. p. 235-250.

_____. (2010). *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*. Oxford: Wiley-Blackwell. 448 p.

LANGACKER, R. W. (1990) Subjectification. *Cognitive Linguistics* 1(1), 5-38.

LAVANDERA, B. R. (1984). *Variación y significado*. Buenos Aires: Hachette.

MACHADO, M. S. (1995). *Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”: variação em dialetos populares do Norte Fluminense*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.

MACHADO VIEIRA, M S. (2001). *Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.

_____. (2008). *Haver, ter ou fazer na expressão de tempo decorrido*. In: RONCARATI, C. & ABRÇADO, J. *Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EDUFF. p. 192-202.

NORDE, M & TROUSDALE, G. (2016). Exaptation from the perspective of construction morphology. In: NORDE, M. & VELDE, F. V. de. (eds.). *Exaptation and Language Change. Current Issues in Linguistic Theory*. Amsterdam: John Benjamins. p. 163-195, (10.1075/cilt.336.06nor).

PAULIUKONIS, M. A. L. (2016). Texto e discurso: processos de semiotização do real. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, Volume Especial (2016), 105-115.

PEREK, F. (2015). *Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar. Experimental and corpus-based perspectives*. Amsterdam: John Benjamins. 246 p.

_____. & GOLDBERG, A. (2015). Generalizing beyond the input: the functions of the constructions matter. *Journal of Memory and Language*, 84, 108-127.

Poplack, S. (2015). *Pursuing symmetry by eradicating variability. Resumo da Comunicação. NWAV*

44 (*New Ways of Analyzing Variation 44: Intersections*). University of Toronto.

RAPOSO, E. B. P. et al. (2013). *Gramática do Português*. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Caps. 11 e 17.

RUBIO, C. F. (2015). A importância da metodologia no estudo da alternância pronominal e da concordância verbal de primeira pessoa do plural / The importance of the methodology in the study of pronominal alternation and verbal agreement of first person plural. *Cadernos da ALFAL*, 7, 90-106.

SILVA, B. G. S. G. (2005). *O caminhão que eu trabalhava com ele subia qualquer ladeira: um estudo sobre a gramaticalização do que*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.

TAVARES, M. A. (2013). Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. *Interdisciplinar Revista de estudos em língua e literatura. Edição Especial*. Ano VIII, v. 17.

_____ & GORSKI, E. (2015) Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A. & ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto. p. 249-270.

TORRENT, T. T. (2012). Entrevista. Usage-based models in linguistics: an interview with Joan Bybee. *Revista Linguística*, vol. 8, 1.

TRAVASSOS, P. F. (2016). *Construções com verbo-suporte DAR: indicação de aspecto e/ou outro valor?* TCC. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.

TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE, G. (2013). *Constructionalization and Construction changes*. Great Britain: Oxford University Press. 278 p.

TRAVAGLIA, L. C. (1994). *O aspecto verbal no Português. A categoria e sua expressão*. 3ª. ed. Uberlândia: Edufu.

VALENTE, A. C. M. M. (2016). *A linguagem do futebol dentro e fora do gramado: uma análise inicial sob a ótica da Linguística Cognitiva e da Gramática das Construções*. Texto do Exame de Qualificação. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.

VERHAGEN, A. (2007). Construal and perspectivization. In: GEERAERTS, D. & CUYCKENS, H. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press. p.48-81.

WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. I. (1968). Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press. p. 97-195.

WITTGENSTEIN, L. (2003). *Gramática Filosófica*. São Paulo: Edições Loyola.

Recebido em 04/10/2016

Aceito em 18/11/2016